

# CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.  
E se mais mundo houvera, lá chegara.  
CAMÕES, e, VII e 14.

**Presidente**  
Paulo Cabral de Araújo

**Vice-Presidente**  
Ari Cunha

**Diretor Gerente**  
Alberto de Sá Filho

**Diretor de Redação**  
Ronaldo Martins Junqueira

**Diretor Financeiro**  
Evaristo de Oliveira

**Diretor Técnico**  
Ari Lopes Cunha

**Diretor Comercial**  
Maurício Dinepi

## Visão reformista

Na entrevista exclusiva que concedeu ao **CORREIO BRAZILIENSE**, o professor João Carlos Di Gênio, dirigente da maior rede de ensino particular do País, produziu uma análise original e extremamente útil à reformulação da política educacional. Sua tese nuclear é a de que a educação não pode ser considerada apenas em seu aspecto instrumental, quer dizer, como uma oferta de meios para eliminar a ignorância. Antes de tudo, é indispensável transformá-la em agente da valorização do homem a partir de suas potencialidades e, desse ponto em diante, gerar as condições para o desenvolvimento econômico e social.

A hipótese acalentada pelo atual presidente da República, Fernando Collor, de lançar o Brasil entre as nações industrializadas exige pressupostos estruturais ainda escassos e, muitas vezes, inexistentes. No campo da preparação dos quadros humanos, as carências são de porte considerável, daí, porque Di Gênio observa que, se o País almeja a modernidade, há necessariamente “de se tornar competitivo, mas o nosso produto será aceito se tiver qualidade”.

“Qualidade”, ensina o educador, “significa tecnologia apropriada. Porém, tecnologia não existe sem o pesquisador. Assim, parece clara a necessidade de cientistas preparados, sob pena de nossos produtos ficarem à margem do mercado internacional. O Brasil precisa multiplicar por dez, no mínimo, seu número de pesquisadores e cientistas, que é de 50 mil, até a próxima década, para ser considerado como nação moderna”.

A partir dessa constatação, aparentemente óbvia, mas distante da visão utilitarista que deve inspirar as políticas de educação e ensino, Di Gênio oferece a contribuição de sua incomparável experiência para sugerir a reformulação do ensino universitário. “Necessitamos dispor de uma grande massa crítica. E as universidades são as formadoras de pesquisadores. A sociedade brasileira deve sobretudo a elas os cientistas em atividade e o avanço do processo tecnológico. Infelizmente, nossas indústrias e empresas investem pouco em pesquisas — as universidades e o sistema estatal desenvolvem 90 por cento delas — porque não acreditam que possam reverter em produtividade. Portanto, somente interessa ao País a universidade que tenha capacitação e recursos humanos e materiais adequados à pesquisa” — sustenta o professor.

Uma outra contribuição importante à transformação da realidade educacional brasileira foi a revelação do entrevistado de que, “dos três milhões de crianças que chegam, a cada ano, às escolas para ingressar no primeiro grau, 70 por cento nunca tiveram assistência médico-hospitalar. E mais: 50 por cento apresentam um atraso de dois anos em seu desenvolvimento psicossocial”. E aqui Di Gênio demonstra que o conceito de educação não pode esgotar-se na simples existência da escola e do professor, mas incorporar a realidade social subjacente, para encontrar os termos adequados à dignificação do homem. De outra forma, o Brasil correrá o risco de transformar-se na pátria dos incapazes alfabetizados.